

ECOTURISMO E CAMINHADA: NA TRILHA DAS IDÉIAS¹

Heloisa Turini Bruhns²

*E as peregrinações incessantes dos 'hippies' barbudos-
Esses peregrinos de Elêusis da atualidade- não anunciam um êxodo, uma
dessas migrações imprevisíveis e repentinas das quais todas as espécies vivas
conhecem o segredo, para se preservar da morte?
(Maffesoli, 2001)*

Resumo: O artigo aborda as possibilidades de interpretação do meio ambiente permitidas pelas caminhadas na natureza. Para tanto, discorre sobre as relações entre corpo, espaço e ambiente e insere a caminhada na trama social, de modo a ressaltar os elementos que a constituem, em especial no contexto contemporâneo.

Palavras-chave: caminhadas, interpretação ambiental, experiência, cultura contemporânea.

Abstract: The paper broaches the possibilities of interpretations of the environment given by the walk on nature. Therefore, it considers the relationships between body, space and environment and puts the walk on the social woof to highlight the elements which constitute it. Special attention is given to the walk and its influences on the contemporary context.

Keywords: walk, environmental interpretation, experience, contemporary culture.

Esse artigo tem como eixo norteador a exploração das possibilidades de interpretação do meio ambiente através da experiência sensível da caminhada na natureza, enquanto opção esportiva de lazer. Para tal, tomou o corpo como referencial direto e imediato, concebido como receptor e emissor de informações.

A caminhada foi selecionada pois possibilita uma reflexão sobre o espaço e sobre o envolvimento do caminhante com o mesmo, colaborando para processos de revisão e redimensionamento de aspectos da realidade. Portanto, o envolvimento com o ambiente na qual ocorre torna-se mais acentuado e duradouro quando comparado com atividades onde o

¹ Esse artigo representa uma parte da pesquisa “Esporte e natureza: A caminhada enquanto experiência sensível”, a qual recebeu subsídios do CNPq para sua realização.

² Professora Dr^a. do Departamento de Estudos do Lazer da Universidade Estadual de Campinas – Unicamp.

impacto do instantâneo faz-se presente, caso das descidas em corredeiras de rios com botes infláveis.

A exploração em cavernas, considerada como uma caminhada efetuada num ambiente onde a escuridão é uma constante, mostra-se fértil para a exploração dessa temática, e esse artigo relacionará, embora superficialmente, essa experiência com a temática aqui proposta.

Na caminhada a experiência sensível mostra-se pessoal, revelando uma forma mais pausada, onde é possível a combinação entre prazer estético e desejo de conhecimento. A estimulação provocada na atividade, provoca um aguçar dos sentidos num meio ambiente que pode romper com regras formais de eufonia e estéticas, conduzindo a uma experiência de contemplação, filtrada por valores e concepções de vida.

O fenômeno eleito está envolvido numa trama social, exigindo uma compreensão da sociedade não simplesmente como um sistema mecânico de relações econômico-políticas ou sociais, mas, trazendo Maffesoli (1996:73), “um conjunto de relações interativas, feito de afetos, emoções, sensações que constituem, *strictu sensu*, o corpo social. Um conjunto encarnado de certo modo, repousando sobre um movimento irreprimível de atrações e repulsões”. Essa visão favorece a compreensão das “condensações instantâneas” observadas na atualidade, ou seja, agregações sociais que se formam e se dissolvem, surgindo em novas associações.

Nessa perspectiva, a questão das “identidades inconstantes” ganha uma positividade inédita como categoria para o entendimento da “cultura da diferença”, onde um mesmo perfil subjetivo não representa eficiência e autenticidade.

A caminhada não representa um conjunto relativamente homogêneo, onde se ocultariam as diferenças sociais internas que a constroem, as posições dos grupos e as relações conflitantes. Assim devem ser evitadas generalizações conduzindo a abstrações, as quais mascaram interesses opostos entre os segmentos.

Nas pistas das trilhas

Tentarei aqui organizar algumas idéias, as quais me conduziram a visualizar a caminhada, como possibilidade tátil de conhecimento do meio ambiente. Essa idéia pode soar estranha num primeiro momento, mas será elucidada no decorrer dessa explanação.

Na verdade ela surgiu a partir de várias leituras dentre as quais começarei destacando Lewis (2000), o qual demonstra a existência de uma afinidade entre a escalada e a caminhada, na possibilidade de revelarem realidades alternativas, conjugando propósitos de busca pessoal por bem-estar com várias formas de comportamentos motivados politicamente. Se para a primeira atividade a experiência tátil manifesta-se com mais evidência, construindo um mundo de aventura mapeado via navegação tátil, não menos diferente ocorrerá durante a caminhada, onde um corpo move-se através de um meio ambiente e a liberdade torna-se uma forma de consciência incorporada: uma escolha para perceber e mais especificamente uma escolha para sentir e tocar um meio ambiente.

Tomando por parâmetro uma obra literária que trata do tema da caminhada metropolitana, Lewis relata como a atividade de caminhar, aparentemente mundana causou um alarido político no final do século XVIII, sendo incorporada como forma radical de política, metaforizada como uma forma de observação social, isto é, como forma de coletar dados sobre a vida social. Um gesto simbólico de desiludidos universitários da classe média, os quais colocavam-se em igualdade com os pobres e sem direito a voto, através da roupa e do caminhar. A atividade passou a significar negativamente ser menos enraizada e politicamente sem rumo; de uma forma mais positiva significava a mobilidade da mente radical. Em resumo, caminhar tinha se tornado um ícone de resistência. Para os caminhantes do final do século XVIII, mover-se para qualquer direção desejada engendrava independência e determinação. Incorporava a mente radical e livre. Caminhar era liberdade de movimento por excelência.

O passeio sem destino, argumenta Maffesoli (2001:34), agora se referindo à contemporaneidade, é uma espécie de protesto contra um ritmo de vida orientado unicamente para a produção. Situa o caminhante que vagueia como o arquétipo de uma forma de resistência, este destacando a força do ócio, com tudo aquilo que a moral econômica chamará de “vícios” atrelados a essa questão, pois contraria a ideologia laboriosa, onde “a fixação do trabalho caminha lado a lado com a estabilidade dos costumes. E o passeador que vagueia chama, ao contrário, um outro tipo de exigência: a de uma vida mais aberta, pouco domesticada, a nostalgia da aventura”. Embora argumentar sobre tudo isso pareça muito vulgar, percebe-se como contém uma importante dose de

aventura. Aventura desejada, assumida ou sofrida podendo ser compreendida como a modulação contemporânea do desejo do outro lugar.

Se a experiência do caminhar possibilita a exploração do espaço urbano, a metrópole contemporânea, através de uma urbanização privilegiando avenidas de passagem rápidas, desprezou essa experiência, contribuindo para um anestesiamiento dos sentidos.

Assim, podemos nos remeter a Hillman (1993:53) exemplificando sobre a cidade de Dallas nos EUA, assemelhada às novas metrópoles amplas, espraiadas onde seus habitantes não caminham. Além de estarmos andando menos que nossos ancestrais, praticamente eliminamos a necessidade de caminhar, a qual tornou-se obsoleta com a presença da locomoção mecanizada, desde os aparelhos de controle remoto até os automóveis. Alguém correndo na rua com agasalho vermelho, tênis com listras amarelas e fones de ouvido provoca menos estranheza quando comparado a alguém andando, ironiza o autor lançando a pergunta: “Uma cidade que não permite caminhar não é também uma cidade que nega a moradia da mente?”.

Hillman (1993) expõe como Heidegger recomendava o caminho na floresta para filosofar e a escola de Aristóteles, denominada “Peripatética”, pregava o pensar e o discursar enquanto se caminhava. Monges caminham em jardins. Nietzsche valorizava as idéias que ocorriam ao caminhar (idéias correntes, não idéias sentadas).

Corroborando com as informações sobre Nietzsche, Maffesoli (2001:174) vem mostrar que, assim como o seu Zarathustra, ele era um “passeador sem destino”. Filosofava caminhando, mais precisamente subindo. Não gostava de superfícies planas, preferindo as montanhas, as quais favoreciam a ascensão física e a elevação do espírito.

Caminhar pode acalmar e se constituir num exercício das idéias, assunto este nos aproximando de De Grazia (2002), quando indica uma simples caminhada ao ar livre como possibilidade de vivenciar o lazer, não necessitando de mercadorias ou bens.³

Prosseguindo com Hillman (1993:53) este esclarece como o ato de caminhar ao acalmar a alma provoca um novo rumo para as agitações. Diz ele: “Caminhando, estamos no mundo, encontramos-nos num lugar específico e, ao caminhar, para onde irá a mente?”

³ O autor mostra como o lazer na sociedade contemporânea afastou-se radicalmente do ideal clássico de ócio grego, no qual estava presente uma relação com a vida privilegiando acima de tudo a contemplação onde ocorria o cultivo da mente e o exercício das idéias. Desenvolvi o capítulo “De Grazia e o lazer como isenção de obrigações” no qual resumo as idéias do autor.

Será que ela não sairá correndo, ou ficará paralisada, movimentando-se apenas no ritmo da farmacologia: estimulantes e calmantes, relaxantes e excitantes?”

Hillman (1993:54) nos transporta como Lewis (2000), citado acima, para a Europa do século XVIII, elucidando como se caminhava muito, principalmente em jardins e em torno deles. Naqueles jardins, olhos e pés deveriam ficar satisfeitos: “os olhos para ver; os pés para atravessar; os olhos para abarcar e conhecer o todo; os pés para permanecer nele e vivenciá-lo”. Olhos e pés não deveriam percorrer o mesmo caminho. O autor traz o poeta William Shenstone para quem os pés não deveriam traçar o mesmo caminho dos olhos dirigindo-se a um edifício ou objeto. Caso isso ocorresse, teríamos a pobreza de um *design* urbano expresso numa avenida de linha reta, onde os pés seguiriam os olhos. Permanecer assim, sem mudança no cenário, apesar da mudança de lugar poderia se constituir numa experiência bastante monótona.

Nas grandes metrópoles, nos *shopping centers*, nas grandes avenidas, nos condomínios os pés são forçados a caminhar sobre aquilo que os olhos já percorreram, de forma que caminhar se torna um ato de sofrimento, quando deveria ser descoberta de novas paisagens. Quando os pés tornam-se escravos dos olhos, o caminhar torna-se enfadonho, mera questão de cobrir distâncias, como ocorre quando devemos atravessar um longo estacionamento. A vitalidade das cidades depende do caminhar e a liberdade das pernas provoca a liberdade da mente, conclui Hillman (1993).

Nesse enfoque podemos evocar Schelle (2001) em sua obra sobre a arte de passear, atividade com duplo sentido, pois implica a um só tempo o local onde se passeia e a maneira como se passeia.⁴ Assim, a distinção se opera no nível dos lugares e das paisagens relacionados: quando se caminha num parque a disposição mostra-se diferente da caminhada na montanha. Do mesmo modo não se caminha à margem de um rio da mesma forma que se caminha pela floresta. A caminhada não é um meio, mas um fim, colocando os sujeitos diretamente em contato com a natureza e possuindo um interesse estético relacionado a um divertido jogo de idéias.

⁴ Embora o autor utilize a palavra passear para designar o perambular ou vaguear, substituirei por caminhar, pois sua diferenciação entre caminhar e passear não é devidamente esclarecida do meu ponto de vista. Schelle atribui ao caminhar o caráter unicamente físico do passeio, mas na sua totalidade o passeio incorporaria as sensações a ele associadas.

Introduzo aqui a possibilidade erótica da caminhada como um diálogo estabelecido entre o caminhante consigo próprio, e com os outros, provocando uma reflexão sobre o espaço social. Eros, na filosofia grega, especialmente na definição de Platão, significa o impulso vital do homem para a curiosidade, a ligação amorosa, a amizade e o conhecimento de si mesmo e do mundo.

Em relação à curiosidade e conhecimento, reproduzo uma passagem de Garcia e Faria (2002:124) na qual os autores relatam a experiência vivida com um grupo durante uma exploração de cavernas no Petar-SP (Parque Estadual Turístico do Alto do Ribeira):

Na primeira caverna visitada, ainda a escuridão e a novidade trazem de início a insegurança. Pouco a pouco, porém, os facho de luz das lanternas começam a passear e os olhos começam a observar a beleza que se apresenta por todos os lados. De qualquer ângulo que se ilumine, do chão ao teto, surgem detalhes a serem investigados. As inúmeras formas dos espeleotemas, as passagens estreitas ou o alto teto de um salão da caverna, tudo desperta a vontade de explorar e conhecer. Com a curiosidade já aguçada, as perguntas vêm de maneira natural, e antes de qualquer explanação, o grupo é convidado então a tentar imaginar como se deram os processos geológicos que geraram aquelas formas.

O caminhar assim como a arte pode ampliar a reflexão sobre a vida e desenvolver uma capacidade poética e lúdica. Revigorando a imaginação, ambos aguçam os sentidos e estimulam uma relação sensual com os fenômenos à nossa volta.

O reencontro com Eros exige uma mudança de percepção do mundo, assim como o abandono de velhos hábitos e de atitudes mecânicas, na tentativa de enfocar o outro e o mundo. Ação não necessitando rituais ou esforços monumentais - às vezes basta dar uma caminhada despreocupada.

Essa atividade, segundo Schelle (2001) é a forma mais natural de flunar, uma vez dependendo inteiramente de nós e nos deixando entregues a nós mesmos. Caminhando estamos livres para observar as coisas como bem nos aprouver, com bastante tranquilidade; podemos conciliar o movimento do corpo com as exigências da mente e, desejando ampliar o campo visual, para abarcar o horizonte, basta um ligeiro deslocamento do corpo. Sem perturbar a atenção dirigida a um objeto preciso, podemos parar ou continuar a caminhar segundo as exigências interiores.

Trago para ilustrar a fala de um ecoturista relatando alguns momentos na trilha durante uma viagem a Carrancas-MG:

Às vezes você está caminhando e não nota a paisagem; está totalmente relaxado, esquece do trabalho. De repente fiquei deslumbrado; estávamos andando, ergo a cabeça e vejo uma paisagem. Peguei a máquina e não queria voltar a caminhar; estava muito seco e vi o rio lá embaixo...Antes eu pensava: qual será a graça desses lugares?Você chega numa cachoeira, fica parado e não quer ir embora; só vendo, escutando...Essa relação com a natureza e com as pessoas - um implica no outro - você está mais relaxado, você conversa; não existe a pressão do meio...

O contato com o sol, a água, as plantas, o vento e os animais contribui para a expansão de Eros, como discutido na reportagem “Eros faz bem para o sexo e também para a alma”. Porém esse contato pode estar contaminado pela ideologia do lazer contemporâneo como é colocado: “Buscar o descanso apenas para repor energias que serão gastas novamente no trabalho é bem diferente de um ócio em que o erotismo pode acontecer”.

Tempos e espaços diferentes

Segundo Maffesoli (2001), há uma tendência geral na contemporaneidade no sentido de uma volta cíclica dos valores esquecidos e presentes nas estruturas antropológicas do imaginário, as quais não mais se fundamentam sobre o orgulho prometeico de um ativismo triunfante, atrelando-se a uma contemplação daquilo que é. Assim, a errância seria uma expressão de uma outra relação com o outro e com o mundo apresentando características menos ofensivas, mais carinhosas, um tanto lúdicas e seguramente trágicas, as quais repousam sobre a instituição da impermanência das coisas, dos seres e dos relacionamentos. Como diz o autor (2001:29), esse é um “sentimento trágico da vida que, desde então, se aplicará a gozar, no presente, o que é dado ver, e o que é dado viver no cotidiano, e que achará seu sentido numa sucessão de instantes, preciosos por sua fugacidade”.

Bill Bryson (1999) num livro de sua autoria relata sua caminhada pela Trilha dos Apalaches, o mais longo caminho para excursões a pé do mundo, que se estende por montanhas e florestas ao longo da costa leste dos EUA, da Geórgia ao Maine, auxiliando nessa reflexão sobre o tempo. Descreve como a vida reveste-se de uma simplicidade límpida nessa experiência, deixando o tempo de ter qualquer sentido. Quando está escuro você vai para a cama e, quando fica claro de novo você levanta. Nesse meio tempo, afirma, só existe o tempo. Não há obrigatoriedade de encontros, reuniões, obrigações, deveres e nenhuma ambição especial, apenas necessidades menores e bem menos complicadas; você

encontra-se no meio de um tédio tranqüilo, sereno, alheio a toda exasperação, afastado dos centros de discórdia; a única exigência é a disposição para caminhar, apesar das dificuldades. O apressar-se não faz sentido, porque você não está indo a parte alguma. Por mais que caminhe está no mesmo lugar: na mata, local onde estava ontem e onde estará amanhã.

As noções de distância igualmente alteram-se numa caminhada. Dois quilômetros são uma distancia longa, três quilômetros tornam-se literalmente notáveis, quinze colossais, e oitenta quase inconcebíveis. Caminhando, você se dá conta de que o mundo é enorme, de um modo que só você e seus companheiros andarilhos sabem. A escala planetária torna-se um pequeno segredo seu.

No percurso da trilha, é comum os sujeitos conversarem sobre experiências de outras viagens, trocando impressões, satisfazendo curiosidades, estabelecendo contatos sociais. Aqui cabe a interessante observação de Maffesoli (2001) sobre a relatividade do território, não suportando fechamento, mas estabelecendo relações, se remetendo a outras situações ou a outros lugares, bem como aos valores relativos a essas situações e lugares. Assumindo o significado do relativismo como sendo entrar em relação, o espaço é tido como base de exploração.

Na apresentação do livro de Schelle (2001:12), Deshusses revela a compreensão do autor sobre o comportamento no caminhar:

... ser receptivo às coisas que nos rodeiam sem no entanto ter por elas um interesse por demais intenso, é deixar-se levar pelas impressões da natureza sem nela mergulhar, é traír sem sonhar, afastar-se do mundo sem dele fugir, ter contato com a natureza evitando seus aspectos demasiado selvagens, descobrir-se frente a frente consigo mesmo sem cair na meditação nem na introspecção...

Em outras palavras, não se empreender num envolvimento ultrapassando a impressão das coisas.

A partir desse conceito é possível entender porque às vezes os andarilhos sentem-se bastante molestados quando são trazidas explicações excessivas sobre o meio ambiente, interrompendo a caminhada várias vezes e detendo-se muito tempo em algumas paradas com o objetivo de transmitir conhecimentos e informações.

Devemos estar atentos para as características do perambular presentes na caminhada, as quais do meu ponto de vista devem ser compreendidas, na tentativa de evitar equívocos,

pois o exercício lúdico das idéias, como demonstrado, provém desse descompromisso. Nesse sentido Schelle (2001:21) é bastante radical: “Mesmo a observação sutil e refinada de pessoas no ato de passear seria tão oposta à finalidade do passeio quanto a observação forçada da natureza. Durante o passeio, a atenção do espírito não deve ser acentuada; ela deva ser mais uma diversão do que marcada pela seriedade”.

Torna-se compreensível o alívio demonstrado por Bryson (1999) na travessia da Trilha dos Apalaches, quando ele e seu companheiro perceberam estar acima das forças percorrer toda a trilha, e se não podiam realizá-la totalmente, também não tinham essa obrigação e quanto mais pensava nessa idéia, mais a trilha se tornava atrativa. Como explica, era como se tivessem se livrado de um dever, afastando todo o trabalho penoso, os deveres tediosos, excêntricos e sem sentido de percorrer cada centímetro do terreno pedregoso. Podiam, enfim, se divertir.

A coexistência dos ambientes

Retomando Lewis (2000), o autor utiliza-se de diferenças presentes no corpo metropolitano (inorgânico, passivo, ocular, “sem terra”) e no corpo escalador (orgânico, determinado, tátil, “da terra”). Porém esses corpos longe de se fecharem em oposições, coexistem, ambos fazendo parte da multiplicidade do homem contemporâneo.

A idéia de co-existência entre os meios urbano e natural me parece mais adequada para a compreensão desse deslocamento contemporâneo do sujeito urbano. Talvez essa busca exacerbada pela natureza ocorra não tanto pela devastação ocorrida ou prática indiscriminada da mesma, o que resultou em grande extinção e desequilíbrios complicados ao nível do planeta, como também pelo sentimento de abstenção gerado nas cidades, onde o cimento prevaleceu juntamente com todos os desníveis gerados pelo crescimento indiscriminado dos centros urbanos gerando uma série de problemas estressantes como congestionamentos, barulho, poluição do ar, infra-estrutura escassa de abastecimentos, dentre outros.

Desta forma, aqueles sintonizados com a natureza geram movimentos interessantes, provocando inclusive, no próprio espaço urbano, possibilidade de relação com a mesma, através da busca por parques, bosques e similares, incentivando políticas públicas, projetos e programas.

Três trabalhos desenvolvidos na cidade de São Paulo tornam-se interessantes para constatar essa coexistência. O primeiro é desenvolvido no Parque Burle Marx com crianças escolares, onde é utilizado um sistema de trilhas, coordenado por Rita Mendonça, a qual monitora as caminhadas ecológicas e filosóficas da Associação Palas Athena; o segundo refere-se a um projeto denominado Trilha Radical Verde, o qual foi desenvolvido durante aproximadamente 6 anos pelo Instituto de Educação e Pesquisa Ambiental 5 elementos, sob a coordenação de Mônica Borba, no Parque Ibirapuera. Segundo o folheto impresso relativo ao projeto, o objetivo era proporcionar a oportunidade de conhecer e vivenciar os elementos naturais: flora, fauna, água e a situação do meio urbano e rural, bem como desenvolver temas que levassem à reflexão, ao questionamento e sensibilização, favorecendo a revisão do impacto de cada um no ambiente, instigando o resgate da memória das relações entre o ser humano e o ambiente nos níveis individual e social, culminando na busca da melhoria da qualidade de vida. O terceiro refere-se ao projeto Trilha Morumbi Verde, o qual funcionou por quatro anos no Parque Oscar Americano, também sob coordenação de Mônica Borba. Segundo seu depoimento, no Ibirapuera a pessoa está no parque e vê os prédios, tem barulho. No outro se encontra paz e tranqüilidade.

Assim devemos reavaliar as posturas interpretativas contrapondo meio ambiente natural e artificial de forma estanque e desvinculada, bem como as atividades desenvolvidas, as quais, como veremos, interpenetram-se numa ressignificação da própria natureza. Em trabalhos anteriores ressaltei sobre a capacidade humana de alterar relações com a natureza constituir-se numa alavanca movimentando os homens e conduzindo-os a inventar novas formas de sociedade.⁵ Este processo ocorre a partir de representações, de idéias associadas a ações. Dessa forma, na relação dos homens com a natureza, ocorre uma mediação via representação onde se entrelaçam e se exercem três funções do conhecimento: representação, organização e legitimação das relações dos homens entre si e deles com a natureza. Portanto, faz-se necessário analisar o sistema de representações presentes nas relações dos indivíduos com o seu meio, pois a partir delas, estes agirão sobre o mesmo. Representações sociais equivalendo “a um conjunto de princípios construídos

⁵ Ver artigo “Esporte e natureza: o aprendizado da experimentação”.

interativamente e compartilhados por diferentes grupos que através delas compreende e transforma sua realidade”, tomando o conceito de Reigota (1995:70).

Nesse enfoque, Marinho (1999:36), explicitando sobre a satisfação trazida pelas atividades esportivas na natureza através da (pseudo) aventura ao “alcance de todos”, ressalta a produção da definição social da natureza como ambiente de experiência orientada.

Então mais do que fuga do centro urbano, reposição de energias gastas no trabalho e outras razões para justificar os deslocamentos para a natureza, prefiro seguir o raciocínio de Maffesoli (2001:22), a partir de seu questionamento: “Será que o drama contemporâneo não vem do fato de que o desejo de errância tende a ressurgir como substituição, ou contra o compromisso de residência que prevaleceu durante toda a modernidade?”.

Seguindo o pensamento do autor, pertencemos a um lugar e desenvolvemos relações e ligações tomando este como referência. Mas esse lugar e essas relações possuirão um significado a partir da negação real ou imaginária dos mesmos, revelando uma marca do sentimento trágico da existência, através de uma tensão, uma incompletude permanente, não resolvidas numa superação sintética. Estamos num lugar, mas desejamos outro.

Somos urbanos visitando a natureza através das viagens, porém nossa vida é na cidade. Torna-se comum ouvir desses aventureiros como é bom usufruir o ambiente natural, apreciar, mas não viver nas pequenas localidades situadas acerca da mata, da montanha, pois a cidade os atrai também com sua agitação e ofertas. Como dizem, são capazes de permanecer uns quinze dias numa mata.

Um comportamento de repulsa, portanto, parece identificar esses grupos que buscam essas caminhadas e trilhas, nas mais diversas formas. Repulsa pelo excesso de cimento urbano o qual gerou uma carência e busca por outro visual mais aprazível e reconfortante. Daí pode ser evocado o “sentimento de pertencer”, o qual Maffesoli (2001) utiliza para caracterizar o tribalismo urbano circunscrito num espaço estruturalmente limitado; o sentimento de pertencer faz sentido a partir de um pólo de repulsa, na rejeição por alguma coisa ou alguém.

A duplicidade como categoria estrutural do humano está presente no cotidiano, incorporando uma ambigüidade, não suportando o fechamento, fugindo ao estabelecido, bem como às formas de imposição geradas por este último. A duplicidade representa uma

forma de liberdade, introduzindo a agitação no estável, ou a inquietude nas certezas. Essa duplicidade gera um “enraizamento dinâmico” (termo criado por Maffesoli, 2001), ou seja, a necessidade de um lugar matricial associado com a necessidade potente de seu além, provocando uma sinergia constante entre a prisão do corpo e a aventura do espírito, dialética permanente da necessidade de segurança e do desejo de desligamento.

Somos sujeitos urbanos exercendo uma atividade no meio natural, no caso a caminhada, a qual poderia ser desenvolvida na cidade, porém, uma série de circunstâncias já expostas, desprestigiou a promoção do encontro humano, em função de um planejamento urbano com objetivos mais urgentes de transformar as ruas e avenidas em locais de passagem, permitindo um fluxo rápido do trânsito de carros, ônibus e outros. Na abordagem sociológica, a cidade já mereceu enfoque como terreno de aventura, onde o lúdico e o onírico possuíam um lugar especial. Aventura expressando modos diversos de experiências e de suscitar encontros. Embora as características urbanas tenham mudado, a prática da caminhada urbana não desapareceu, mas ganhou novos contornos e significados, expressos na utilização dos parques públicos multiplicando-se anualmente nos grandes centros, para a execução dessas práticas.

Em determinados espaços urbanos, a poluição sonora é notória, chegando a atrapalhar o sono das pessoas. Certa vez por ocasião de um jantar de confraternização após uma viagem para realização de caminhadas em Carrancas-MG, uma integrante do grupo expôs sua necessidade diária do uso de viseira nos olhos e protetor de ouvido devido a localização de seu apartamento na cidade. Numa outra ocasião, participando de um grupo de caminhada em Mauá-RJ, um vilarejo na montanha, permanecemos praticamente três noites dormindo muito mal porque em frente à nossa pousada um grupo de boêmios batucava, cantava e gritava durante toda a noite. Uma das integrantes do grupo deu-se bem, pois levou protetores de ouvido e viseiras para os olhos.

No programa de trilhas na natureza, alguns lugares possuem acomodações mais simples pela própria falta de infra-estrutura local, onde pousadas são construídas prevendo um público conectado com a idéia de renúncia ao conforto urbano e aberto a possibilidades de experimentar uma situação contando com aposentos precários, situação justificada pelos supostos envolvimento das atividades na natureza com valores diferenciados em relação ao consumo exacerbado e ao luxo.

A idéia de renúncia ao conforto está presente no ecoturismo, prática que demonstra grande adesão de participantes a cada ano, devendo ser entendida na discussão sobre o ambientalismo enquanto movimento crítico-social⁶, desembocado a partir da década de 1960. O ambientalismo ganhou destaque como movimento contestador em relação à produção e ao consumo exacerbado, embora não desconsiderando aqui suas fragilidades e inconsistências, como, por exemplo, o esquecimento da miséria e a má distribuição de renda presente nos países subdesenvolvidos, bem como a proposta ingênua da “volta ao campo” como solução para esse quadro. Uma utopia simplista manifestou-se nessa proposta de ruralização e volta às comunidades rurais, qual seja, o retorno aos modelos de convívio dos pequenos povoados e vilas.

O ambientalismo trouxe temas de grande alcance político em seu bojo (energia nuclear, autonomia local, crescimento econômico), desencadeando um afastamento em relação ao poder instituído e concomitantemente colocando-se como força política.

Quanto ao desprestígio com relação ao luxo, muitas vezes confundido com conforto, presente nessa atividade, encontramos uma passagem significativa na obra de Bryson (1999:137), a qual expressa adequadamente esse paradoxo:

Fazia uma semana que estávamos na trilha, e íamos para a cidade no dia seguinte. Isso era evidente. Iríamos caminhar doze quilômetros, alugar um quarto, tomar um banho, telefonar para casa, lavar roupa, jantar, comprar comida, assistir televisão, dormir numa cama, tomar café da manhã...tudo isso era conhecido e óbvio. Era maravilhoso realmente.

Saindo da trilha

Acho esse assunto bastante fértil para pensarmos nossa relação no mundo contemporâneo onde estamos vivendo. Ao mesmo tempo é bastante instigador, trazendo a possibilidade de uma compreensão sobre essas atividades surgidas a partir da elaboração de novos significados construídos sobre a relação homem/natureza. Nesse aspecto o enfoque cultural torna-se revelador, desvendando facetas não só contraditórias, numa realidade cheia de conflitos, discriminações, preconceitos, mas também lúdicas onde as possibilidades sempre estão presentes.

⁶ Desenvolvi melhor esse assunto no artigo “Lazer e meio ambiente: a natureza como espaço da experiência”.

Sem desconsiderar as relações de poder, o espaço do lúdico e do gratuito, presente na noção de cultura, deve ser garantido na leitura da realidade. Espaço este surgido na elaboração, pelos homens, de um sistema simbólico constituidor e constituído da e pela ação social, com o qual se brinca construindo “estruturas infinitamente complicadas e, por isso, aparentemente, esteticamente satisfatórias” (DURHAM,1984:76).

Somos seres ambíguos, cheios de incertezas e fragilidades. Talvez a nossa força esteja em admitir isso, em perceber como a compreensão dos fatos que nos rodeiam e dos quais fazemos parte escapam do nosso alcance. Assim aprenderíamos mais sobre nós mesmos e talvez jogássemos um jogo onde vencer pode significar ironizar o próprio desafio.

O tema tratado aqui pode parecer insignificante, mas somente para aqueles que não percebem sua própria significância no mundo onde vivem. Nesse enfoque o fútil faz sentido, bem como os locais de futilidades essenciais, sejam montanhas, praias, cavernas, campos, onde as idéias podem ser treinadas e possibilidades de vidas geradas numa perspectiva mais aberta, com menos rigidez.

Referências bibliográficas

BRUHNS, Heloisa T. Lazer e meio ambiente: a natureza como espaço da experiência. **Revista Conexões**, Campinas: FEF/Unicamp, n.3, dez. 1999.

_____. Esporte e natureza: o aprendizado da experimentação. In: SERRANO, Célia (Org.). **A educação pelas pedras**. São Paulo: Chronos, 2000.

_____. De Grazia e o lazer como isenção de obrigações. In: BRUHNS, Heloisa T. **Lazer e ciências sociais**: diálogos pertinentes. São Paulo: Chronos, 2002.

BRYSON, Bill. **Uma caminhada na floresta**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

DURHAM, Eunice. Cultura e ideologia. **Revista Dados**, Rio de Janeiro: Campus, vol. 27, n.1, 1984.

FARIA, Marcelo O.; GARCIA, Eliana B. Um sonho de trabalho para a construção de outro futuro. In: ZYSMAN, Neiman. **Meio ambiente, educação e ecoturismo**. São Paulo: Manole, 2002.

EROS faz bem para o sexo e também para a alma. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 06 set. 2001.

HILLMAN, James. Caminhar. In: HILLMAN, James. **Cidade e alma**. São Paulo: Studio Nobel, 1993.

LEWIS, Neil. The climbing body, nature and the experience of modernity. **Body and Society**. UK: Sage Publications, 2000.

MAFFESOLI, Michel. **No fundo das aparências**. Petrópolis: Vozes, 1996.

_____. **Sobre o nomadismo: vagabundagens pós-modernas**. São Paulo: Record, 2001.

MARINHO, Alcyane. Do bambi ao rambo ou vice-versa? – As relações humanas com a natureza. **Revista Conexões**, Campinas: FEF/UNICAMP, n.3, dez. 1999.

REIGOTA, Marcos. **Meio ambiente e representação social**. São Paulo: Cortez, 1995.

SCHELLE, Karl G. **A arte de passear**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.